

A FORMAÇÃO DOS “ESPÍRITOS LIVRES” EM NIETZSCHE

*Educar os educadores!
Mas os primeiros deviam educar-se a si mesmos!
E é para eles que escrevo.*

Anderson Luiz Tedesco – Unoesc
Roque Strieder – Unoesc
Apoio Financeiro - CAPES

RESUMO:

Este ensaio teórico tem como objetivo discorrer a respeito das reflexões que Nietzsche faz sobre a formação humana ou dos “espíritos livres”. A partir da pesquisa bibliográfica constatamos nas obras do terceiro período do filósofo, considerações nada brandas, pelo contrário, Nietzsche entra em cena com críticas impiedosas acerca da cultura decadente de sua época. Por conseguinte, suas críticas sobre a formação humana ou de “espíritos livres” resultam em possibilidades de discussões pertinentes no Projeto de Pesquisa Observatório da Educação, aprovado pela CAPES, intitulado: “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do Oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica”, como sendo um processo construtivo de novas práticas pedagógicas, sonham-se em experiências formativas de maior efetividade a partir de concepções interdisciplinares, bem como da atitude transdisciplinar. São rodovias amplas, com múltiplas pistas e sentidos, desprovidas de exigências hierárquicas e, por isso, abertas para a alteridade e a diversidade. Ante o exposto, concluímos ser possível repensar as estratégias e ações multidisciplinares na formação das crianças ou “dos espíritos livres” do ensino fundamental no Oeste Catarinense, constituindo experiências formativas que outorgam maestria para equilibra-se na tênue corda da vida e, que sem elas, as experiências formativas vivenciadas como exercício de si, não existe a possibilidade de transmutação no conferimento da dignidade humana. Eis, a lição formativa de Nietzsche ser e ser um constante vir-a-ser, reconhecendo que a marca da finitude humana já não é um peso, mas uma irreversível encruzilhada.

Palavras Chave: Educação. Experiências formativas. Nietzsche.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ainda muito jovem o filósofo alemão Nietzsche, recém professor universitário da Basileia, foi convidado a contextualizar a situação das instituições de ensino na Alemanha e a refletir sobre “o futuro da escola primária alemã, da escola técnica alemã, do ginásio alemão, da universidade alemã” (2012, p. 50). Como uma espécie de desafio similar e, desejando contextualizar a atual e a futura educação, o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina - Unoesc, assume com seu corpo docente, integrantes discentes do mestrado,

da graduação e da educação básica, o desafio de caracterizar a mesorregião do Oeste de Santa Catarina, focando sua preocupação particularmente no Ensino Fundamental.

Deste modo se consolidou a aprovação do Projeto de Pesquisa Observatório da Educação, intitulado: “Estratégias e ações multidisciplinares nas áreas de conhecimentos das ciências humanas, ciências da natureza e linguagens, na mesorregião do oeste catarinense: implicações na qualidade da educação básica”. Tal como o caminho trilhado por Nietzsche, o projeto nos permite retroceder no cenário cultural e perceber que aquilo que “nos une ao passado do povo e, nos seus aspectos essenciais, são um patrimônio tão sagrado e tão venerável, que eu não poderei falar do futuro dos nossos estabelecimentos de ensino senão na esperança de me aproximar deles” (NIETZSCHE, 2012, p. 51). Assim, a preocupação do Projeto de Pesquisa busca compreender a tradição pedagógica no Oeste catarinense e suas implicações no processo de construção da qualidade formativa efetivada em estabelecimentos de ensino fundamental.

Na reflexão que segue, ressalta-se a importância da disposição do leitor que, ao mergulhar nos argumentos nietzschianos, “deve ser calmo e ler sem pressa, não deve sempre privilegiar a si e à sua ‘cultura’, não deve, enfim, esperar por encerrar um quadro de resultados” (NIETZSCHE, 2012, p. 54). Esses são também desafios que caracterizam o Projeto Observatório da Educação, ou seja, a esperança de que os professores participantes, das escolas da amostra, sejam regados de paciência e persistência no mergulho da teoria da complexidade, teoria capaz de dar sustento à multi/inter/transdisciplinaridade, e possibilitam melhor e mais profunda compreensão do significado de ser humano, de vida, de mundo. Da mesma forma e com igual intensidade do que se compreende por conhecer e de como se efetiva a aprendizagem. No necessário e longo processo construtivo dessa melhoria compreensiva, sonham-se experiências formativas de maior efetividade a partir de concepções interdisciplinares, bem como da atitude transdisciplinar. São rodovias amplas, com múltiplas pistas e sentidos, desprovidas de exigências hierárquicas e, por isso, abertas para a alteridade e a diversidade. Assegurar a interdisciplinaridade, a interdependência, a intersubjetividade e o trans, como transitar, significa passear pela diversidade sem negligenciar a singularidade, significa disposição para a reflexão para evitar a submissão a receitas e resultados prontos e acabados.

Nosso desafio e objetivo é enriquecer esse sonho de experiências formativas a partir de reflexões de Nietzsche. Mesmo sendo profundamente convidativo esse objetivo nada guarda de simplismo, como o próprio filósofo pondera sobre seus escritos: “quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar” (1995, p. 18). Nietzsche foi estratégico na busca compreensiva das implicações de uma cultura em decadência e, por isso, afirma categoricamente: “vejo certamente vir um tempo em que os homens sérios, a serviço de uma cultura inteiramente renovada e purificada e num trabalho comum, se tornarão os legisladores da educação rotineira” (NIETZSCHE, 2012, p. 54). Entendemos que o momento atual é oportuno para reconhecer ser imprescindível uma metamorfose formativa, “renovada e purificada”, certamente não realizável por si só, mas exigindo proximidade humana, proximidade entre Universidade e educação básica, com muita predisposição para desconstruir tendências fechadas, desconstruir dogmas para

então abrir fronteiras e construir, de forma corresponsável, efetivas experiências formativas.

UM NIETZSCHE PROVOCADOR PORQUE INCONFORMADO

Antes de uma entrada nas reflexões com aportes formativos, feitas por Nietzsche, vamos trazer algumas referências em relação à sua obra filosófica como um todo. Nietzsche é um filósofo germânico, filosofando a golpes de martelo, desafiando normas e destruindo ídolos, ainda pouco “desbravado” nas discussões referentes à educação e a formação. Com um estilo próprio e impactante, suas obras, certamente causam, simultaneamente, admiração e inquietude aos leitores. Desafiador e contestador ele repudia os estilos fechados e dogmáticos dos sistemas filosóficos de sua época e os de outrora e cria sua própria marca usando aforismos em sua escrita. Por isso, Nietzsche faz questão de afirmar “uma coisa sou eu, outra são os meus escritos. Abordarei, antes de falar deles, a questão de serem compreendidos ou incompreendidos” (1995, p. 52). Também se mostra ousado ao escrever que: “Prevendo que dentro em pouco devo dirigir-me à humanidade com a mais séria exigência que jamais lhe foi colocada, parece-me indispensável dizer quem sou. Na verdade já deveria sabê-lo, pois não deixei de ‘dar testemunho’ de mim” (NIETZSCHE, 1995, p. 17). De forma simplista pode-se afirmar que os escritos de Nietzsche correspondem a três períodos distintos, como fases dinâmicas do processo de construção de sua filosofia. De acordo com Julião (2012), essa divisão em fases, das reflexões e das publicações das obras de Nietzsche, se encontra expresso no prefácio da obra *Za*, escrita pelo seu mais fiel discípulo: Peter Gast. Segundo Gast “O primeiro (até 1876) é marcado pelo ‘O nascimento da tragédia’ e as ‘Considerações intempestivas’; o segundo (até 1882) se estende de ‘Humano, demasiadamente humano’ até ‘A gaia ciência’; o terceiro, enfim, é aquele do pensamento zaratustriano”¹ (JULIÃO, 2012, p. 26).

Uma das obras de grande interesse formativo é “Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém”. No prólogo de Zaratustra, o leitor atento consegue diferenciar a ruptura

¹ Scarlett Marton (2006) cita todas as obras construídas em cada um dos períodos: Período primeiro a partir de 1870: “O drama musical grego”, “*Sócrates e a tragédia*” e “*A visão dionisíaca do mundo*” (Die dionysische Weltanschauung); em 1871, “*O nascimento da tragédia no espírito da música*” (Die Geburt der Tragödie); em 1872 “*Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*” (Ueber die Zukunft unserer Bildungsanstalten); em 1873, “*A filosofia na época trágica dos gregos*” (Die Philosophie im tragischen Zeitalter der Griechen), “*Sobre verdade e mentira no sentido extramoral*” (Ueber Wahrheit und Lüge im aussermoralischen Sinne) e “*Primeira consideração extemporânea: David Strauss, o devoto escritor*” (David Strauss der Bekenner und der Schriftsteller); em 1874, “*Segunda consideração extemporânea: da utilidade e desvantagem da história para a vida*” e “*Terceira consideração extemporânea: Schopenhauer como educador*” (Schopenhauer als Erzieher); em 1876, “*Quarta consideração extemporânea: Richard Wagner em Bayreuth*” (Richard Wagner in Bayreuth) e ainda outros fragmentos póstumos. Período segundo publicações iniciadas em 1878, com “*Humano, demasiado humano*” (Menschliches, Allzumenschliches); em 1879, “*Miscelânea de opiniões e sentenças*”, e “*O andarilho e sua sombra*”, apêndices a “*Humano, demasiado humano*” reunidos posteriormente num único volume; em 1881, “*Aurora*”; em 1882, “*A gaia ciência*” (as quatro primeiras partes), além de outros fragmentos póstumos. Período terceiro publicações entre 1883 a 1885: “*Assim Falou Zaratustra*” (Alson sprach Zarathustra); em 1886, “*Ensaio de autocrítica*”, tem à guisa do prefácio a “*O nascimento da tragédia*”; prefácios ao primeiro e ao segundo volume de “*Humano, demasiado humano*”, “*Aurora*” (Morgenröthe) e “*A gaia ciência*” (Die fröhliche Wissenschaft), assim como a quinta parte desse último, e “*Para além de bem e mal*” (Jenseits Von Gut und Böse); em 1887, “*O niilismo europeu*” e “*Para a genealogia da moral*”; em 1888 “*O caso Wagner*”, “*Crepúsculo dos ídolos*”, “*O anticristo*”, “*Ecce homo*” (Ecce homo), “*Nietzsche contra Wagner*”, “*Ditirambo de Dionísio*” (Dionysos Dithyramben) e outros fragmentos póstumos.

no filosofar de Nietzsche, com outras formas de pensamento ou de filosofias. Nietzsche procura desconstruir a concepção de verdades arraigadas em pontos fixos, as verdades únicas que, em seu invólucro não admitem ser a vida e o ser humano passíveis de uma multiplicidade de verdades. No desenvolver do modo de vida e de existência de Zarathustra, Nietzsche sinaliza ser inevitável o rompimento com as verdades únicas e com as posturas que dogmatizam a verdade, exatamente por serem posturas adversas à vida. A vida não permite seu enjaulamento em lógicas inquestionáveis, é incapaz de realizar-se apoiada em esquemas pré-definidos. A vida acontece numa dinâmica de avanços e recuos, de ordem e desordem de espontaneidade caótica, oscilando entre êxitos e fragilidades. Nietzsche propõe a criação do espírito livre, capaz, além de questionar o pensamento posto como verdade única, apresentar uma nova visão de valoração, uma nova visão de vida.

Na obra “Assim Falava Zarathustra” Nietzsche (1998), em especial no prólogo e, tendo como personagem principal o profeta Zarathustra, apresenta suas mais contundentes críticas à cultura. Nesse prólogo, Nietzsche põe Zarathustra a falar abertamente, sem escolher ou medir suas palavras. No retorno de seu período de recolhimento na floresta, Zarathustra se pronuncia ao povo reunido na praça do mercado. Na fala à população reunida ele põe em dúvida as opiniões aceitas, denuncia a existência de preconceitos, desmonta estratégias de crenças, mas, após falar ao povo fica em silêncio e diz ao seu coração: “Lá estão eles, rindo, não me compreendem, não sou a boca para esses ouvidos” (NIETZSCHE, 1998, p. 33). Um povo vencido ideologicamente pelo racionalismo utilitarista e mercantilista, um povo que endeusa a ciência e nega em si qualquer manifestação de reflexão sobre sua situação. O povo, vencido pelo espírito de rebanho e apegado a falsas doutrinas já não consegue questionar-se e nem sequer questionar os valores mais básicos a respeito da condição existencial.

Nietzsche (1998) critica de forma contundente os valores vigentes, ataca virulentamente a religião cristã e o moralismo do ressentimento. Também estende suas críticas contundentes à cultura racionalista que se tornava hegemônica em sua época, com a priorização do culto a si mesmo. Esse culto a si mesmo tem como ponto de partida a decretação da morte de Deus para ver-se a si mesmo como criador de valores. Essa criação de valores implica no abandono do “tu deves”, como voz divina, para um “eu quero” afirmando-se como criador. No “eu quero” o ser humano rompe com a metafísica para sair em uma busca insaciável pelo hedonismo, cuja consequência é a decadência moral, o pessimismo e a barbárie.

O estilo de seus escritos configura o entendimento de que tudo é humano, e por ser demasiado humano precisa ser superado. Assim, se afasta das formas filosóficas e de escrita padronizadas das Universidades, para corroborar com a morte dos estilos subjetivos de cada ser humano. Por isso, Nietzsche recorre a um novo estilo, a uma linguagem carregada de analogias, a uma linguagem constituída em forma de sistema aforismático, permitindo várias interpretações. Uma forma inovadora para mostrar a possibilidade de romper com os estilos sistemáticos e anunciar que o ser humano pode superar-se a si mesmo para reaver suas potencialidades negadas. Nietzsche (1873) vê na contingência da linguagem um instrumento valioso para superar o engodo e a mentira, e considera fundamental superar o comodismo e o interesse das pessoas em manterem as suas mentiras.

Podemos dizer que Nietzsche faz um convite para a também superação das tradicionais práticas pedagógicas, para, em substituição propor experiências formativas capazes de uma diferente dinâmica, mas em coerência com a reconstrução do humano. Uma reconstrução traçada nas veias do inconformismo, um convite ao questionamento e, no seio do mesmo, a provocação para a reflexão. Essa provocação para reflexões profundas continua sendo, segundo Marton (2004, p. 08) necessárias quando na atualidade vivemos na aceleração de transformações profundas “no modo de pensar, agir e sentir”. A transitoriedade e fragilidade de teorias e suportes referenciais, também os pedagógicos que orientavam o modo de pensar e as ações pedagógicas, estão em descrédito. Na condição existencial de cada indivíduo, bem como na sociedade como um todo “sistemas de valores e conjuntos de normas, que orientavam nossa maneira de agir, caem em desuso; discursos e práticas, que pautavam nossa maneira de sentir, tornam-se obsoletos” (MARTON, 2004, p. 08). Valores e ideias, também as pedagógicas e educativas são rebaixadas ao nível de opiniões, para então serem descartadas, porque “frutos de atitudes descomprometidas, elas prescindem de todo lastro teórico ou vivencial” (MARTON, 2004, p. 08). Por essas e outras provocações fortes Nietzsche é considerado um filósofo da suspeita, que ainda na atualidade nos convida a desconfiar das crenças e convicções.

Nietzsche (1873) considera duvidosas todas as formas de linguagem e sua suposta possibilidade de expressar, de forma adequada, todas as realidades. Então, ele zomba da pretensão humana de fazer com que o mundo caiba em metáforas, e usa com maestria essa mesma linguagem das metáforas, para expressar sua indignação. Fazendo da linguagem seu martelo, Nietzsche reconhece a existência de coerência no linguajar, e entendemos que nessas coerências se potencializa um ambiente escolar capaz de permitir a realização de experiências formativas sem a alcunha da alienação, para firmar-se como formadora de espíritos livres das normatizações. Marton (1993, p. 48) afirma que por entre os aforismos a coerência não sofre danos:

Se o filósofo não se pretende um pensador sistemático, nem por isso deixa de procurar ser coerente. E a coerência reside, aqui, no perspectivismo, que aparece associado ao experimentalismo. Se o privilégio do aforismo como modo de expressão não prejudica a coerência, tampouco inviabiliza o pensamento sistemático.

Quando Nietzsche se propõe repensar a formação dos espíritos livres, ele inicia esse processo pelo linguajar. Ou seja, é na linguagem que nos constituímos seres humanos. E, é por ela que surgirá, na concepção de Nietzsche, o anúncio de uma nova cultura, uma cultura vivida por meio de uma transmutação em um novo ser o *Übermensch*².

A FORMAÇÃO DO “ESPÍRITO LIVRE” NO ZARATUSTRA DE NIETZSCHE

O personagem Zaratustra tinha trinta anos quando tomou a decisão que mudaria por completo sua vida. Ele decidiu deixar sua terra natal e o lago de sua pátria. Para que quê? Para ir

² Em vista de nossa preocupação com o campo conceitual, optamos por preservar o termo *Übermensch* no original em alemão, pois sua tradução para o português causaria um esvaziamento semântico, com a versão para *Super-Homem*. Em alemão essa palavra divide-se em dois termos; *Über*: que significa: *sobre, além de*, e *Mensch*: significando *ser humano*. Para a língua portuguesa não soaria bem traduzir a palavra alemã *Übermensch* por “sobre-humano” ou “supra-humano”, ou ainda “super-homem” ou “além-do-homem”, também inadequadas.

morar nas montanhas (NIETZSCHE, 1998). Mas, qual mensagem Nietzsche nos pretende deixar com essa proposição de um Zaratustra sair de sua terra natal para um refugiar-se nas montanhas por dez longos anos? O que significa para nós, uma saída de nossa terra natal? Vamos além disso, o que significa isso no campo pedagógico? Existe nesse sair uma possível contribuição para a formação dos espíritos livres? Em outros termos, Nietzsche, com muita sutileza aponta algo grandioso em nós, isto é, a busca por novos olhares em lugares distintos. O lugar de Zaratustra foi uma caverna nas montanhas em companhia de outras fontes de inspiração, como a luz do sol, a águia e a serpente.

Nietzsche, por meio de seu personagem Zaratustra, denuncia a pedagogia dos conhecimentos fechados, fragmentados, simplificados e com sustento em verdades e saberes absolutos. Ao fazer seu personagem Zaratustra sair de sua terra natal e refugiar-se nas montanhas entendia que na emergência de qualquer realidade existencial coexistem forças ativas – o sol que ilumina adentrando a caverna de Zaratustra, sua águia e serpente e, “pelo qual esperávamos todas as manhãs, tomávamos de ti o teu supérfluo e por ele te abençoávamos” (1998, p. 27). Também forças reativas “aborreci-me da minha sabedoria, como a abelha do mel que juntou em excesso; preciso de mãos que para mim se estendem” (1998, p. 27). Zaratustra é convocado a ir além de seu domínio particular, além de suas organizações estáveis para experienciar a instabilidade do ordenado no desordenado e vivenciar na consonância do jogo de forças sempre renovadas.

Zaratustra deseja um conhecimento, uma pedagogia, uma formação que distribua alegria entre os humanos apesar da loucura existencial dos mesmos e da sua vivência por entre os ares, as águas e as comidas poluídas. Do alto de seu pedestal de sábio profeta, Zaratustra deseja o seu *ocaso*, deseja baixar às profundezas, para levar “a luz ao mundo ífero” (1998, p. 27). Ao efetivamente voltar junto à população Zaratustra insiste em dizer a ela que cada ser humano deve superar-se a si mesmo, mas que esse superar-se é um jogo que não tem fim e que não terá descanso. É um processo de formação que inicia e se estende pela vida toda e quem não for capaz de olhar-se, de observar-se, de entender-se, de reconhecer-se se desespera em vida e, então, não lhe resta outra esperança que a segurança nas especializações, no pragmatismo utilitarista, como um porto fixo onde pode fingir livrar-se do desespero. Zaratustra encontra um ser humano racional que adota como vida real o disfarce em aparência, a beleza como nuvem passageira, a ostentação como presente e o prazer com fim último.

Nas palavras expressas em Zaratustra, Nietzsche deseja uma formação, um perspectivismo em todo o conhecimento. Uma formação que reconhece e compreende o vir-a-ser do humano porque capaz de superação. Um ser humano, como aprendente ativo e criador de si mesmo, criador de seus valores morais e de seus sistemas de verdade. Em “Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral”, Nietzsche (1873) expõe de forma coesa o perspectivismo do conhecimento, ao perguntar: “Afinal, o que é a verdade?”. Em sua proposição revela ser a verdade:

Uma multidão móvel de metáforas, metonímias e antropomorfismos; em resumo, uma soma de relações humanas que foram realçadas, transpostas e ornamentadas pela poesia e pela retórica e que, depois de um longo uso, pareceram estáveis, canônicas e obrigatórias aos olhos de um povo: as verdades são ilusões das quais se esqueceu que

são, metáforas gastas que perderam a sua força sensível, moeda que perdeu sua efígie e que não é considerada mais como tal, mas apenas como metal.

Toda designação teórica, conceitual ou definidora, tida como verdade é, portanto criação humana, antropomórfica do início ao fim e não contém nada do que seja “verdadeiro em si”, efetivo e universalmente válido, uma vez excluído o ser humano.

É com essa dose de instabilidade, de transitoriedade, regada pela dinâmica sistêmica e processual que o ser humano é o seu vir-a-ser, um dever-ser de superar-se constantemente. Ao tratar da Guerra e dos Guerreiros, Zaratustra afirma que “o homem é algo que deve ser superado”³ (NIETZSCHE, 1998, p. 64) e, fazê-lo exige a queda das algemas que aprisionam seu intelecto para livrá-lo da servidão.

Para Zaratustra o ser humano se constitui na perspectiva não linear ou para um fim idílico “Eu vos rogo meus irmãos, *permanecei fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de falsas esperanças ultraterrenas” (NIETZSCHE, 1998, p. 30), mas sim como um fim em si mesmo. Ele é a própria vida e a própria morte, sendo assim, é uma obrigação de Zaratustra amar aqueles que vivem intensamente, dentro de um modo de viver desprendido dos conceitos institucionais e, portanto, decadentes, de certo e errado, de Bem e de Mal. Importa ir além de todas as concepções filosóficas existentes desde Platão, com o objetivo de superar toda e qualquer manifestação dualista, entre corpo e alma (NIETZSCHE, 1998).

Zaratustra está convicto de que existem seres humanos cuja natureza obedece às ideias de Heráclito de que tudo está em movimento ou em *devenir*, de que a vida é um fluxo contínuo. Em outras palavras, nós constantemente passamos por mudanças em nível ontológico, quando nosso ser se abre para vivenciar experiências de mundo, experiências relacionais e inter-relacionais para construir a existência. A vinda e a presença do *Übermensch*, implica numa tomada de consciência de que ele “é o sentido da terra” (NIETZSCHE, 1998, p. 30), um ser capaz de amar a terra. Esse clamor é por uma posição diversa da proclamada por Platão, na busca de um mundo Ideal, onde está o *Sumo Bem*, vazio das possibilidades de desfrutar do fluxo da vida. Na voz de Zaratustra:

Amo aqueles que, para o seu ocaso e sacrifício, não procuram, primeiro, um motivo atrás das estrelas, mas sacrificam-se à terra, para que a terra, algum dia, se torne do super-homem. Amo aquele que vive para adquirir conhecimento e quer o conhecimento para que, algum dia, o super-homem viva. E quer, assim, o seu próprio ocaso (NIETZSCHE, 1998, p. 32).

Desejar e permitir a presença do *Übermensch* requer a superação dos espíritos de rebanho, superação da condição de vida presa a dogmatismos de verdades. Um espírito livre dos normativos institucionais sejam os da esfera política, religiosa ou pedagógicas. Significa permanecer com o espírito de criança, capaz de admirar-se, capaz de inconformar-se, capaz de questionar tudo, com audácia e sem medo das consequências do destino.

Particularmente, aos educadores, Nietzsche estende o convite para conhecer e entender a própria cultura como suporte do modo de vida, suporte formativo, para então questionar

³ “Der Mensch ist etwas, das überwunden werden soll”.

e dedicar esforços buscando libertar-se das imposições “Amo aquele cujo espírito e coração são livres” (NIETZSCHE, 1998, p. 33). De forma enfática reforça o convite de educadores com espíritos livres:

Precisa-se de educadores que sejam eles próprios educados, espíritos superiores, nobres, provados a cada momento, provados pela palavra e pelo silêncio, de culturas maduras, tornadas doces – não os doutos grosseirões que ginásio e universidade hoje oferecem aos jovens como “amas-de-leite superiores” (NIETZSCHE, 2006, p. 58-59).

Ser possuidor de espírito livre é não permitir ser tragado pelas próprias criações, pois o espírito livre nos alerta diante das ameaças de colonização de rebanho obediente e cegado. Nietzsche também não se furta a expor sua dimensão ética. Já em “Assim falava Zaratustra”, sua construção ética aparece como ética do *amor fati*, entendido como sendo um amor ao que é necessário, àquilo que se deseja e se há de desejar porque se deseja desde e durante toda eternidade. Mais especificamente ele escreve em *Ecce Homo*:

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo (NIETZSCHE, 1995, p.10).

“O querer liberta” (NIETZSCHE, 1998, p. 151), um *amor-fati*, eis uma grande e bela lição educativa, para as relações de aprendizagem: aprender a amar o destino humano, para encontrar beleza naquilo que é necessário. Para Nietzsche significa dizer sim à vida, só ela existe e faz sentido e também somente ela traz valor em si mesma. Uma lição “o nome do libertador e trazedor de alegria” (NIETZSCHE, 1998, p. 151), fundamento de momentos de felicidade e de momentos de desespero. Uma possibilidade forte para “Redimir os passados e transformar todo ‘Foi assim’ num ‘Assim eu o quis’” (NIETZSCHE, 1998, p. 151), para dar sentido ao o que se faz.

Na perspectiva de Nietzsche os que são espíritos livres tem em mãos a possibilidade de se transformarem no *Übermensch* quando descobrirem que a vida é o bem mais precioso e assim concluírem que o *amor fati* é fruto desta descoberta. Em um dos fragmentos póstumo de Nietzsche, refletido por Vanni (2001) em sua obra *História da Filosofia Contemporânea*, aparece o conceito de *amor fati*,

“(…)” quero aprender cada vez mais: a considerar como é belo o que é inevitável nas coisas, assim me tornarei um daqueles que tornam bela a vida. *Amor fati*: seja este, de agora em diante, o meu amor! Não quero mover guerra ao feio. Não quero acusar, sequer quero acusar os acusadores. Minha negação estará apenas em desviar o olhar! Feitas as contas, quero uma vez por todas ser alguém que diz sim!” (VANNI, 2001, apud, NIETZSCHE, 1999, p. 288).

Pelas palavras de Nietzsche a proposta de seu novo conceito de amor é definida como um amor desinteressado por isso adere ao fluxo do devir afirmandor da vida. Marton (1993, p. 57) reforça essa proposição escrevendo “Em vez de esperar que um poder transcendente justifique o mundo, o homem tem de dar sentido à própria vida; em vez de aguardar que venham redimi-

lo, deve amar cada instante como ele é”. O aceitável e o inaceitável, a alegria e a tristeza, a dor e o prazer, simplesmente constituem o modo de viver humano e, amar o que lhe acontece, o como lhe acontece e o que lhe acontecerá é condição primeira para tornar-se quem se é. É esse seu grande desafio em *Ecce Homo*, cujo subtítulo reforça a necessária transmutação: “como alguém se torna o que é”, o desafio, o propósito da formação, o propósito último da condição humana, tornando digna sua humanidade ao tornar-se o que se é, um *Übermensch*.

Um *Übermensch* envolto e envolvido na trágica necessidade de transmutar-se. É a decisão do funâmbulo de abandonar a segurança de sua torre e entregar-se ao vigor da travessia, arriscando sua vida, por sobre a corda tênue “estendida entre duas torres” (NIETZSCHE, 1998, p. 35). Zaratustra admira e reconhece a coragem do funâmbulo que, expondo-se ao perigo da travessia precisa também resistir à importunação dos demais apequenados diante do grande desafio: “Fizeste do perigo o teu ofício, nada há nisso de desprezível” (NIETZSCHE, 1998, p. 36).

São as experiências formativas que outorgam maestria para equilibra-se na tênue corda da vida. São as experiências formativas vivenciadas como exercício de si que possibilitam a transmutação para conferir dignidade humana. Eis a lição formativa de Nietzsche ser e ser um constante vir-a-ser, reconhecendo que a marca da finitude humana já não é um peso, mas uma irreversível encruzilhada.

CONCLUSÃO

Ante o exposto e, tomando como referência o sugerido no parágrafo final de “Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral” (NIETZSCHE, 1873) acreditamos ainda ser possível assegurar, na atualidade dos contextos instáveis e líquidos, a capacidade de, junto às escolas, as crianças, adolescentes e jovens realizarem autênticas experiências formativas enquanto vivenciam as experiências de formação de sua própria identidade. Fazê-lo requer menor aposta no humano racional e conceitual que clama pelo autoritarismo e pela dominação, capaz de, pelo racional, investigar a verdade, para acabar desempenhando a arte do disfarce em meio a sua falta de felicidade. Por sua vez o ser intuitivo deixa aflorar o conhecimento como dimensão emocional de si como ser humano a iluminar-se com a contemplação e o silêncio. É esse ser intuitivo que, “estabelecido no seio de uma civilização, retira, como fruto de suas intuições, além da proteção contra a infelicidade, uma clarificação, um desabrochar e uma redenção transbordantes” (1973, p. 11/12). Cabe à educação alicerçar o ser humano intuitivo como um ser que desfruta das emoções com mais intensidade, sendo também, por isso, mais susceptível à felicidade, pois desfruta da vida com mais entusiasmo e paixão.

REFERÊNCIAS

COPLESTON, Frederick. **Nietzsche**: filósofo da cultura. Trad. Eduardo Pinheiro. 2. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1958. 300p.(Coleção Filosofia e Religião)

JULIÃO, José Nicolao. **Para ler o Zaratustra de Nietzsche**. – Barueri, SP: Manole, 2012. – (Coleção filosofia em pílulas)

MARTON, Scarlett. **Nietzsche: A Transvaloração dos Valores**. São Paulo: Moderna, 1993. (Coleção Logos).

MARTON, Scarlet. Buscando o critério de avaliação das avaliações. Entrevista ao **IHU Online**, ano 04 n, 127, p. 07/09 13/12/2004. Disponível em WWW.IHU.UNISINOS.BR. Acesso em 24/06/2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Trad. Paulo Osório de Castro e prefácio de António Marques. Lisboa: Relógio D' Água, 1998. 384p.

_____. **Ecce homo: como alguém se torna o que é**. Trad. notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 153 p.

_____. **Escritos sobre educação**. Trad. Noéli Correia de Melo Sobrinho. 6. ed. – Rio de Janeiro: PUC- Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2012.

_____. **Crepúsculo dos ídolos: ou, como se filosofa com o martelo**. Trad. notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 154 p.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre a verdade e a mentira no sentido extramoral -1873**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho, 2008. Disponível em: <http://ensaius.files.wordpress.com/2008/03/sobre-a-verdade-e-a-mentira-no-sentido-extramoral.pdf>. Acesso 25/06/2014.

VANNI, Sofia. **História da Filosofia Contemporânea**. Trad. Ana Pareschi Capovilla. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2001.